

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

RODRIGO TEIXEIRA FERNANDES

**O perfil do professor nas produções de TV para adolescentes:
um estudo da novela Malhação**

**Porto Alegre
2010**

RODRIGO TEIXEIRA FERNANDES

**O perfil do professor nas produções de TV para adolescentes:
um estudo da novela Malhação**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Especialista em
Mídias na Educação, pelo Centro
Interdisciplinar de Novas Tecnologias na
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador:
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na

Educação: Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na

Educação: Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

**Dedico essa monografia a meus queridos pais,
minha adorada irmã, minha esposa e filha
meus doce amores, e companhias agradáveis
durante minha jornada de hoje e de sempre.**

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que me ajudaram de alguma forma ou de outra a completar esta tarefa e dar fim a mais uma jornada.

Agradeço ao meu orientador, Fernando Favaretto, por sua paciência e contribuição – sempre me incentivando e me colocando para cima.

Minhas colegas de escola e de curso, por todo conhecimento comigo compartilhado.

Agradeço aos professores: fonte de conhecimento que muito me ensinaram e ajudaram.

Especialmente, tenho de agradecer a minha esposa e filha por compreenderem minha falta de tempo e pouca atenção para com elas por alguns momentos.

Àqueles que não foram aqui mencionados, mas que estiveram presentes durante essa caminhada dando-me uma mão, uma ajuda ou uma ideia, minha gratidão é exatamente igual.

RESUMO

A presente monografia trata de relações entre mídia e educação, analisando a televisão como mídia educativa, viajando por sua história, desde a sua invenção até a atualidade. De forma mais específica, o trabalho busca investigar a influência das telenovelas na população de jovens adolescentes, visando, para tanto, uma análise investigativa da novela *Malhação*. Objetivamente, procura entender como a televisão, por meio das suas produções de teledramaturgia, apresenta a figura do professor, tentando identificar os perfis representados na televisão e, principalmente, nesse seriado. O presente estudo tem a intenção de analisar quais as idéias, conceitos e percepções sobre a imagem do professor que chegam ao público, principalmente ao adolescente, ao qual a novela *Malhação*, nosso objeto de estudo, é direcionada.

Palavras-chave: mídia – educação – teledramaturgia – Malhação – professores

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
SUMÁRIO	7
APRESENTAÇÃO	8
1 MÍDIAS: INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	13
2 TELEVISÃO: RESGATE HISTÓRICO.....	25
2.1 As primeiras transmissões.....	28
2.2 A trajetória da televisão no Brasil	31
3 A TELEDRAMATURGIA NO BRASIL.....	36
4 OS PROFESSORES NA TELDRAMATURGIA.....	41
4.1 A novela Malhação.....	47
4.1.1 Que tipo de programa é esse?.....	47
4.1.2 Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça”?.....	48
4.1.3 Qual a estrutura básica do programa?.....	49
4.1.4 Afinal, de que trata esse programa? Quem fala e de que lugar?.....	50
4.1.5 Com que linguagens se faz este produto?.....	51
4.1.6 Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?.....	51
4.2 Os professores de Malhação.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	66

APRESENTAÇÃO

Sempre gostei de olhar TV e acredito que ela seja responsável por grande parte do conhecimento que tenho adquirido desde o início da minha existência - quando nem imaginava que algum dia seria eu o responsável por uma sala de aula e me dedicaria à educação.

Porém, os anos se passaram e, segundo Moran (2006), “vivemos uma época de grandes desafios no ensino focado na aprendizagem. E vale a pena pesquisar novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do sensorial, emocional, racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola, do trabalho e da vida.”

Sempre gostei de fazer o que faço, de ser um professor. Muito provavelmente porque o fato de ser um bom professor, aquele capaz de despertar em seus aprendizes o interesse pela sapiência e pelo conhecimento vai bem mais além de “seguir receitas, guias, diretrizes, normas e formas como moldura para sua ação, pois é sujeito protagonista e assumi-lo produz uma mudança de perspectiva” (FIORENTINI, 2003, p.17).

Comparando as mídias existentes e toda a tecnologia disponível desde o início da criação da minha página da vida até hoje é que notamos o quanto temos evoluído. Lembro-me que para o meu primeiro TCC, em Técnico em Química, tive que datilografar todos os textos que o compunham. Foi muito trabalhoso, mas valeu a pena.

Durante meu curso de graduação em letras, muitos foram os trabalhos que tive que entregar e apresentar, e todos foram feitos sem que eu tivesse um computador em casa. Contava com o Laboratório de Informática da universidade e com o PC de minha irmã. Prometi a mim mesmo que se tivesse sucesso em me formar sem possuir um computador pessoal em minha casa, não mais teria a necessidade de adquiri um.

Evidentemente, tive que quebrar minha promessa. É impossível que nos mantenhamos vivos nos dias de hoje sem que tenhamos acesso a toda essa tecnologia encontrada nas TICs, pois sabemos que o ser humano sempre viveu em função de preservar a linguagem, e durante toda a história da humanidade já passamos por três estágios bem distintos da mesma: a fase oral, a escrita e atualmente a eletrônica (Kerckhove, 2003).

E foi nessa fase eletrônica em que nos encontramos hoje que eu realizei o meu curso de pós-graduação em Gestão Escolar – Supervisão e Orientação nos anos de 2007 a 2009, cursado à distância pela UNINTER, com sala pólo em Montenegro. Não fosse pelas mídias na educação, tal acontecimento não seria possível.

Agora, durante meus estudos e participação no curso de Mídias na Educação, à distância, oferecido pelo CINTED – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tenho tido a oportunidade de descobrir novas ferramentas.

Confesso que não foram poucos os momentos em que pensei em largar tudo e desistir da ideia de “dominar” essa máquina, pois muitas tarefas pareciam intermináveis e impossíveis de serem realizadas por mim, sem a ajuda de ninguém. Graças ao auxílio de colegas e minha determinação, buscada talvez na lembrança de minha infância e adolescência, perseverei e obtive êxito em mais essa empreitada.

Muitos foram os desafios, os erros, os enganos. Porém, bem maiores foram as aprendizagens e as realizações obtidas. Como professor-aprendiz, dentro desse contexto, temos que nos apegarmos à “força pedagógica de nossas práticas

sociais, individuais e coletivas, dos conhecimentos existentes, do cotidiano de nossa formação, experiência e trajetória, como aprendizes e como ensinantes, e também de nossa experiência prévia com os meios, linguagens e textos.” (FIORENTINI, 2003, p.31)

A falta de tempo, o excesso de trabalho a que somos obrigados a nos expor, a grande quantidade de leituras a serem feitas para assimilação dos conhecimentos, o fato de tudo o que se refere a essas TICs ser bastante novo para mim, fizeram desses meses de estudo uma jornada muito desafiadora. Com momentos de vigor e outros de fraquezas. Mas sinto-me revitalizado e capaz. Capaz de aprender e de utilizar esses conhecimentos como forma de enriquecer minhas aulas.

Por ser um educador, muito me preocupa os caminhos pelos quais nossa educação tem ido e como nossos jovens tem recebido a influência das TICs. Sabendo ser a televisão o veículo de informação com maior penetração na sociedade Brasileira, maior é sua influência sobre as pessoas e muitas são as tendências criadas e difundidas pela TV, principalmente através de sua teledramaturgia. Por tudo isso exposto é que decidi escrever esta monografia.

No capítulo que segue, busco apresentar as tecnologias de informação e comunicação e a forma como elas exercem seu poder sobre a população, principalmente no que tange a educação, mais especificamente tendo a televisão como educadora.

No segundo capítulo, é apresentada uma viagem através da história da televisão desde sua concepção até a chegada das imagens em nossas casas. Também a história da TV brasileira é mostrada, desde seu lançamento até a atualidade.

No terceiro capítulo, é dada continuidade à análise da televisão como meio de comunicação profundamente incorporado ao cotidiano do nosso País, destacando-se então as produções em teledramaturgia, responsáveis por alavancar a audiência das emissoras. Focando-se na população em fase escolar, afunilamos nossa pesquisa para a novela *Malhação*.

Finalmente no quarto capítulo, a novela *Malhação* é analisada seguindo-se um roteiro para análise de produtos televisivos, proposto por Rosa Maria Bueno Fischer. Também são analisados os diferentes perfis de professores apresentados pela “telinha brilhante”, e mais especificamente por essa novela teen, procurando analisar como essas imagens agem sobre os telespectadores e quais os significados e ensinamentos que elas carregam.

As meninas e os meninos do Brasil
Tão querendo falar tanto pela tela ou pelo fio
Tão buscando a sua cara
Tão querendo se ver grandes
No retrato que a TV coloriu.
A TV, as revistinhas, a internet
O CD e as figurinhas do chiclete
A imagem que é viagem em um tapete voador
No retrato que o artista iluminou
Tantos cantos pros encontros
Com o brinquedo
Com o segredo
Com a magia
Tantos cantos pros encontros
Com a cidade
O nó na rede
E a poesia
Liga-liga-liga
Toca-salva-clica
Passa-passa-passa
Passará.
Qual é teu e-mail?
Fim, começo e meio
Um meio por inteiro
Pras crianças de qualquer lugar
Um sítio neste site para gente se encontrar
Um plug brasileiro pras crianças de todos os cantos
Um meio por inteiro pras crianças de dois mil e tantos.

Canção tema das jornadas Mídia e Imaginário Infantil (Nica-UFSC)
LIGA, RODA, CLICA:...

1 MÍDIAS: INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Nosso dia-a-dia está cada vez mais sendo tomado pelas novas invenções que, de forma bastante envolvente, nos auxiliam a realizar tarefas que antes levavam um tempo muito maior e consumiam também mais energia de nossa parte.

Estamos nos envolvendo, nos inteirando e cada vez mais buscando por novas tecnologias que possam, de uma forma ou outra, nos auxiliar na execução de trabalhos antes penosos e que necessitavam de um período mais longo para feitura. Para tanto, numa crescente, mais e mais usamos as TICs.

Mas o que entendemos por TICs? Para que servem? Como as usamos?

As TICs - Tecnologia da Informação e Comunicação – são de grande valia e estão presentes em nossas vidas de tal forma engendradas que tem-se tornado impossível a libertação delas.

De acordo com a Coordenadora-Executiva da ONG Rede Mulher de Educação, Vera Vieira, no site do grupo, “as TICs podem ser definidas como tecnologias e instrumentos usados para compartilhar, distribuir e reunir informação, bem como para comunicar-se umas com as outras, individualmente ou em grupo, mediante o uso de computadores e redes de computadores interconectados”.

De acordo com o presidente da assembléia geral do PSL-Empresas (projeto de organização das empresas de Software Livre), Ricardo Filipo, “as TICs funcionam interferindo na forma como as informações fluem nos meios físico, social e psíquico de um ambiente humano, abrangendo, portanto, o contexto dos

equipamentos, eletrônicos, sonoro, visual, sensitivo e o contexto humano dos relacionamentos”.

Analisando essa última definição, bastante ampla e explicativa, podemos realmente notar o quanto as TICs estão presentes em nossas vidas e também o quanto dependemos delas para o funcionamento normal de nosso dia a dia.

Os jornais, as revistas, os periódicos, o rádio, a internet, e a TV – presentes em nosso dia a dia – formam hoje o time de “professores” mais eficazes e influenciadores já vistos na história.

Nossos filhos, já tão acostumados a fruir de tais tecnologias, são expostos desde seu nascimento a essas fontes de informação e com elas passam a compartilhar muitos de seus momentos mais importantes. Notamos uma grande mudança no que tange a maneira com que muitos conhecimentos são adquiridos nos dias de hoje.

Nossos aprendizes compartilham nesse relacionamento com as TICs uma união de aprendizado e aquisição silenciosa e involuntária. Assim, encontramos dificuldades para trazermos toda essa tecnologia para nosso lado e fazê-las trabalhar em prol da educação.

Para Girardello & Fantin, tais mudanças são desafiadoras:

A velocidade das mudanças nos processos e tecnologias de comunicação, assim como nas configurações culturais, acarreta desafios tão grandes para quem trabalha com crianças que é freqüente um sentimento de vertigem e desorientação, particularmente entre os professores. (2008, p.09)

Cabe a nós, educadores e pais, participantes e atentos a todas essas mudanças, buscar sempre manter-nos em sintonia com as mídias e todas as formas com que elas se apresentam em nossas vidas; sob pena de perdermos nosso

espaço e autoridade perante aqueles com quem nos preocupamos e para quem buscamos a maior efetividade no resultado do processo de ensino-aprendizagem.

Teremos que (re)pensar nossas estratégias de ensino, bem como Lima e Mayer (2006) argumentam:

A figura do professor não será substituída pelas novas tecnologias, mas seu papel sofrerá algumas mudanças; passando a ser estimulador da curiosidade do aluno, em querer pesquisar e buscar informações mais relevantes, coordenando o processo de apresentação dos resultados pelos alunos e questionando os dados apresentados, contextualizando resultados, adaptando-os à realidade dos mesmos, transformando informação em conhecimento e conhecimento em saber. (LIMA & MAYER apud VIZZOTTO, 2007, p.73)

Percebe-se que o uso destas tecnologias não tem por objetivo acabar com os professores, mas sim, tornar os métodos de ensino mais dinâmicos, atraentes, e capazes de desenvolver da melhor forma possível às construções do conhecimento pelos alunos(as). Mendes (1984, p.27) referencia:

Novas tecnologias surgem, progridem e ampliam seu vasto campo de ação, envolvendo os alunos de modo inusitado e a escola não pode ficar alienada a essa situação, deve embasar seu trabalho numa tecnologia educacional avançada que contribua para otimizar o processo educativo, pesquisando cientificamente os problemas educacionais com apoio principalmente da Teoria da Aprendizagem, da Teoria da Comunicação e da Teoria de Sistemas.

Dentre estas novas tecnologias está a informática, a qual deve ser usada nas escolas para a aprendizagem. Com isso, surgem novos métodos de ensino, aprendizagem e autocapacitação.

A televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante, passando, continuamente, informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam

alguns valores em detrimento de outros, contribuindo, assim, tanto para a construção do caráter e da personalidade de nossos pequenos aprendizes, quanto para a nossa própria.

Assim, buscando orientações junto à UNESCO, constatamos que muitos pontos devem ser levados em conta quando procuramos responder a questões como: Como as TICs podem ser utilizadas para acelerar o desenvolvimento em direção à meta de "educação para todos e ao longo da vida"? Como elas podem propiciar melhor equilíbrio entre ampla cobertura e excelência na educação? Como elas podem contribuir para reconciliar universalidade e especificidade local do conhecimento? Como pode a educação preparar os indivíduos e a sociedade de forma a que eles dominem as tecnologias que permeiam crescentemente todos os setores da vida e possam tirar proveito delas?

Como resposta, obtemos uma sequência de explicações que nos ajudam a melhor compreender o conceito, fins e o uso de tais tecnologias:

1. Primeiro: as TICs são apenas uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer a aprendizagem.

2. Segundo: as TICs, como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais.

3. Terceiro: várias questões éticas e legais, como as vinculadas à propriedade do conhecimento, ao crescente tratamento da educação como uma mercadoria e à globalização da educação face à diversidade cultural, interferem no amplo uso das TICs na educação.

Na busca de soluções a essas questões, a UNESCO coopera com o governo brasileiro na promoção de ações de disseminação de TICs nas escolas com o objetivo de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, entendendo que o letramento digital é uma decorrência natural da utilização frequente dessas tecnologias.

A UNESCO no Brasil conta com a permanente parceria das Cátedras UNESCO em Educação a Distância em várias universidades brasileiras, que utilizam as TICs para promover a democratização do acesso ao conhecimento no país.

A UNESCO também coopera com o Programa TV Escola, para explorar a convergência das mídias digitais na ampliação da interatividade dos conteúdos televisivos utilizados no ensino presencial e a distância.

Em 4 de agosto de 2009, a UNESCO no Brasil e seus parceiros lançaram no país o projeto internacional “Padrões de Competência em TICs para Professores”, por meio das versões em português das brochuras sobre a proposta do projeto. O projeto tem o objetivo de fornecer diretrizes sobre como melhorar as capacidades dos professores nas práticas de ensino por meio de TICs.

Autoridades, especialistas e tomadores de decisão analisam a viabilidade da implementação das diretrizes deste projeto adaptadas à realidade brasileira.

A televisão é, sem dúvidas, o meio de comunicação de massa (MCM) de maior inserção social, uma vez que a grande maioria de lares possui um aparelho de televisão e assisti-la é bastante barato.

O televisor, em termos de bem de consumo, é um dos aparelhos eletrônicos a que se tem mais fácil acesso, graças ao barateamento dos custos ocasionado pela produção industrial em larga escala. Muito já se comentou sobre as casas nas favelas e em outros lugares de baixa renda onde há carência de tudo – até da comida – mas onde se encontra sempre um aparelho de TV - e em cores.

Em termos de conceitos, parece redundante dizermos que novas tecnologias estão disponíveis no mercado, ou seja, se é tecnologia, seria óbvio ser novo; mas não é bem assim que funciona – a TV tem se (re)inventado desde sua aparição na década de 50. Talvez isso tenha contribuído tanto para a contínua e prolongada colocação no ponto mais alto no que tange as mídias.

Tão comum em nosso cotidiano tornou-se o ato de assistir à televisão, que é hoje praticamente inimaginável viver sem ela. O tempo que passamos,

expressado em horas passadas em frente à tela, é grande para todos os segmentos da população.

Segundo pesquisas, para a maioria dos brasileiros, principalmente para os mais economicamente desfavorecidos, a televisão se constitui na única fonte de informação. Com efeito, a TV assume aqui um papel decisivo na formação da maneira de pensar e de agir de grande parte da população, que encontra nela uma grande amiga e aliada fiel para a tomada de decisões importantes, antes discutidas e debatidas entre amigos, parentes e especialistas.

Além de amiga, consultora, instrutora, podemos ainda somar ao amplo leque de adjetivos destinados à TV, o fato de ser ela também o meio de preencher as horas de lazer, e de passar o tempo de forma barata e prática.

Com tudo isso exposto, fica fácil entendermos a razão pela qual somos tão influenciados por esses aparelhos que já fazem parte de nossas vidas, de nosso círculo de amizades e já têm garantido um espaço dentro de mais de noventa por cento das casas do Brasil.

Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, José Manuel Moran, afirma que as mídias educam, e, assim sendo, concluímos que estamos suscetíveis a uma grande fonte formadora dentro de nossas casas, de fácil acesso e grande eficácia.

Ao lembrar o quão deslumbrados estamos com o computador e a Internet na escola, Moran (2007) sugere que vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos - levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despretensiosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais mais abstrato, complexo e na contra-mão da maioria como a escola se propõe a fazer. (MORAN, 2007, p.162)

A TV fala de nós, de nossas vidas, dos problemas afetivos e sociais. Por outro lado, de acordo com Moran, a fala da escola é muito distante e intelectualizada, e isso pode ser comprovado por nós ao assistirmos a algumas aulas por aí.

O autor afirma que “tudo o que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, segundo os modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes”. E vai em frente manifestando-se sobre como nós, “educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola.” (Idem)

Os meios de comunicação desenvolvem estratégias e fórmulas de sedução mais e mais aperfeiçoadas, buscando sempre conquistar os expectadores, convencendo-os daquilo que está sendo exposto. Como afirma Moran (2007, p. 163), “...tudo isso tem ocorrido em um ritmo alucinante, através das transmissões ao vivo, da linguagem concreta, plástica, visível e também da capacidade que a TV tem de fazer-se parte do ciclo social no qual estamos inseridos.”

Ainda seguindo o pensamento do mesmo autor, podemos dizer que os meios mexem com o emocional, com as nossas fantasias, desejos, instintos. A transição do real para o imaginário ocorre de maneira surpreendentemente veloz, aproximando-os em fórmulas integradoras, fazendo-nos sentir parte daquela trama, daquele enredo, fazendo-nos sofrer, sorrir, amar e odiar, como nas telenovelas.

Em síntese, os Meios são interlocutores constantes e reconhecidos, formadores e educadores competentes, da maioria da população, especialmente da infantil.

Esse reconhecimento significa que os processos educacionais convencionais e formais como a escola não podem voltar as costas para os meios, para esta iconosfera tão atraente, segundo Moran (2007, p.163), e, em consequência, tão eficiente.

A TV, utilizando-se da verossimilhança, fala de forma viva e sedutora, alcançando seu objetivo maior, no que tange ao apreço e à devoção pelos programas apresentados. A partir daí, nos tornamos também personagens, embora incapazes de interferir na trama, somos parte desta vida apresentada, do presente, dos problemas afetivos transmitidos para e assimilados por nós, como salienta Moran (2004, p.2):

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele – nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

Em contrapartida, de forma diferente, a escola coloca-se em posição muito distante e abstrata, considerada, em geral, mais monótona.

As crianças e jovens se acostumaram a se expressar de forma polivalente, utilizando a dramatização, o jogo, a paráfrase, o concreto, a imagem em movimento. A imagem mexe com o imediato, com o palpável. A escola desvaloriza a imagem e essas linguagens como negativas para o conhecimento. Ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. (MORAN, 2007, p.163)

É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contigüidade visual para o raciocínio seqüencial da lógica falada e escrita. Precisamos integrar as mídias existentes a nossa sala de aula, às técnicas convencionais de educação. Não pregamos aqui que tudo o que já foi feito em prol da educação formal e convencional seja esquecido e substituído. Muito antes pelo contrário, gostaríamos de sugerir uma integração, buscando tornar o processo de ensino aprendizagem mais dinâmico, envolvente, estimulante e prazeroso.

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Temos que aceitar que a escola tem papel fundamental na formação dos seres humanos contemporâneos. Para Moran (2007, p.164):

Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

Precisamos aceitar o fato de que nossas crianças, ao chegarem na escola, já passaram por centenas ou milhares de “professores informais”. Porém, embora fora da sala de aula, o aprendizado ocorre e parece ser ainda mais efetivo. Almeida (1994, p.11) tenta explicar as razões pelas quais hoje nossas crianças sejam mais envolvidas pelas TICs do que por todo o ensino formalizado:

Tudo isso porque a escola ainda é uma instituição muito restrita a duas linguagens apenas: a escrita e a oral. Os novos meios, mesmo incorporando os antigos, ao criarem as novas linguagens propõem igualmente novas formas de estar no mundo e – por que não? – também na escola. Um filme comercial, do início ao fim, tem aproximadamente duas horas de projeção e quase todas as escolas segmentam seus horários em cinquenta minutos para cada aula.

Nossa atual civilização está sendo sugada pelo mundo das imagens. O homem moderno percebe que ele não está sozinho, onde quer que ele se encontre, aonde quer que ele vá, pois se envolve comumente em algum processo mediatizado de comunicação.

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou

dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Como lembra Milton José de Almeida, "as artes em imagens-sons nos distanciam do saber-fazer, colocamo-nos no saber-ver-entender passivo e também nos remetem ao saber-pensar ativo.

(...) As artes para as massas são sempre artes da distância produtor-consumidor, entre os quais há uma infinidade de aparelhos eletrônicos e muitos trabalhadores técnicos, todos ligados por linhas e ondas de transmissão, fato este que potencializa a idéia antiga da cultura moderna e do conhecimento como algo que se transmite e se distribui. Abre-se mais a fenda entre cultura e educação". (ALMEIDA, 1994, p. 15-16).

Nesse sentido, parece ficar mais urgente ainda a criação de projetos que procurem superar esse fosso existente entre o saber-fazer e o saber-usar, entre as manifestações culturais e as educacionais, entre a tradição e o novo.

As tecnologias permitem mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e o indutivo, o espaço e o tempo, o concreto e o abstrato.

Não podemos mais negar que sejamos todos influenciados pelas mídias, assim como nossas crianças também educadas por elas, principalmente pela televisão.

(...) a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo (FISCHER, 2006, p.15).

Para Favaretto a TV assume papel muito relevante no que tange a aquisição de informação e conhecimento:

Configurando-se a televisão como a porta através da qual a maior parte dos brasileiros têm acesso à produção e fruição cultural no nosso País, é compreensível que as pessoas encontrem na programação televisiva maior, quando não único, instrumento de atualização e informação a respeito dos fatos e acontecimentos que têm como palco tanto a escola do seu bairro quanto um laboratório farmacêutico no outro lado do mundo. Graças a seu desenvolvimento tecnológico e às suas relações de produção, a televisão alcança os lares mais distantes do país, interage, mesmo que de formas distintas, com praticamente todas as classes sociais, e interfere nas formas de agir e de pensar de acordo com a maior ou menor pluralidade de olhares que favorece. (FAVARETTO, 2008, p.19)

Ao compreendermos a educação como sendo um processo de construção da consciência crítica, faz-se necessário que aceitemos que essa construção tem início com a chegada de informações/problemas, direta e indiretamente, através dos meios. Por conseguinte, cabe a nós nos ajustarmos a toda essa linguagem trazida pelos meios recontextualizando-a numa perspectiva de conjunto, totalizante, coerente, formando um novo texto, uma nova síntese criadora. Essa síntese integra os dados tanto conceituais quanto sensíveis, tanto da realidade quanto da ficção, do presente e do passado, do político, econômico e cultural.

Pensando dessa maneira, Moran (2007) conceitua a *educação para a comunicação*. Uma educação que procura ajudar as pessoas individualmente e em grupo a realizar sínteses mais englobantes e coerentes, tomando como partida as expressões de troca que se dão na sociedade e na relação com cada pessoa; ajudar a entender uma parte dessa totalidade a partir da comunicação enquanto organização de trocas tanto ao nível interpessoal como coletivo.

Tudo isso será de primordial valia para o alcance de nossos objetivos enquanto educadores, uma vez que a maior parte do referencial do mundo de crianças e jovens provém da televisão. Nesse sentido, estudar a televisão, em suas

múltiplas facetas, em suas diferentes abordagens, com seus diversos formatos e linguagens é um exercício fundamental para que os educadores melhor a compreendam e com mais habilidade saibam aproveitar seus recursos e conteúdos de forma educativa.

O presente estudo, então, procura entender como a televisão, por meio das suas produções de teledramaturgia, apresenta a figura do professor, com a intenção de analisar quais as idéias e conceitos e percepções sobre ele que chegam ao público, principalmente ao adolescente, ao qual a novela *Malhação*, nosso objeto de estudo, é direcionada.

2 TELEVISÃO: RESGATE HISTÓRICO

A televisão desempenha hoje papel primordial na vida dos brasileiros. Esta participação é tão grandiosa que o aparelho de TV chega até mesmo a ser comparado com Deus, numa “deusificação” impressionante, devido a sua onipresença e onipotência. Para Kehl, a tevê exerce imenso fascínio e influência sobre os seres, servindo de ligação entre o público e o privado:

A tevê ocupa o lugar de Deus como emissora permanente de discursos que podem ser entendidos como um saber sobre o mundo, a vida social e os sujeitos em particular; por ser ao mesmo tempo doméstica e pública, ela estabelece uma ponte entre o público e o privado; é um veículo capaz de se dirigir a cada um e a todos, e de nomear o que deseja dos agentes sociais – que sejam consumidores, é claro (KEHL, 2005, p.247)

No Brasil, existem quase 54 milhões de aparelhos em 38 milhões de domicílios. O Brasil é o segundo país das Américas em número de televisores. Tem mais aparelhos do que a soma do número de aparelhos de TV dos terceiro, quarto e quinto colocados (México, Canadá e Argentina).

Tendo-se acesso a essas informações, é realmente muito difícil conseguirmos visualizar a televisão como apenas um sonho inatingível, considerado por muitos como um investimento que não renderia nem como forma de lucro, nem como de reconhecimento, conforme o texto da campanha publicitária *Verdades*, da agência F/Nazca, elaborada em comemoração aos 10 anos do Canal Futura e veiculada na televisão a partir do segundo semestre de 2007:

Já foi dito que a terra era o centro do universo, e que era o sol que girava ao seu redor. Já disseram que virgens deveriam ser sacrificadas, que livros não poderiam ser lidos e que bruxas mereciam ser caçadas. Já foi dito que o homem era incapaz de voar ou de chegar ao fundo do oceano. Já foi dito que negros não poderiam entrar, que judeus não poderiam sair e que só os brancos teriam o direito de ir e vir. Já disseram que gênios eram loucos e que loucos eram brilhantes. Já foi dito que mulheres não deveriam votar, que microorganismos eram lendas e curas impossíveis. Já disseram que a televisão seria apenas mais um eletrodoméstico na sua vida.

Realmente, no princípio, assim como o automóvel, a televisão também foi desacreditada quando do seu lançamento. Porém, a imagem e os signos se desenvolveram de forma tão envolvente, com a aplicação de novas técnicas, na busca pela perfeição, que a televisão ganha força a cada dia que passa.

Com o desenvolvimento das técnicas, a pintura passou a reproduzir quase em tom fiel as imagens de sua época, mas não perdeu a dose de emoção; como, fazer com que os reis fossem mais majestosos do que eram, assim como rainhas, princesas e mulheres serem mais bonitas.

A fotografia fez com que a realidade fosse impressa com um tom maior de fidelidade. Os retoques, os ângulos, a luz influenciavam e ainda influenciam no resultado final, assim como hoje contamos com a ajuda dos computadores que manipulam as fotos.

Por utilizar-se da imagem, a TV tem poder surpreendente sobre os telespectadores:

É neste sentido que considero que as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31).

Notamos, assim, que a idéia de trabalhar com imagens está ligada à história da civilização. Já nos tempos primitivos, o homem deixava suas impressões em forma de desenhos para que gerações posteriores pudessem aprender ou os reverenciar. Assim sendo, esse eletrodoméstico começa a ganhar adeptos desde a sua invenção, passando de simples aparelho para “membro da família”.

O cinema deu vida aos quadros parados e ficamos mais próximos da reprodução da realidade. Mas por outro lado, também proporcionou-nos ilusões que se tornavam possíveis diante de nossos olhos, através de efeitos. Essas fantasias ficaram tão próximas de ser uma realidade que transformaram o cinema numa indústria de ilusões.

A televisão também herdou algumas características do cinema, mas sua proximidade com o tempo presente, sua praticidade de estar dentro de um lar, deram possibilidades a tornar esse, o meio mais poderoso de transmissão de informações, idéias e ideais.

Com o novo papel do televisor dentro das casas dos cidadãos, a humanidade começou a ter especial interesse por ele, o que nos leva, cada dia mais, buscar o entendimento e a compreensão dessa ferramenta midiática e de sua função junto à escola e às famílias, como bem coloca Fischer:

(...) a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo (FISCHER, 2006, p.15).

Para analisarmos os programas de televisão, faz-se necessário que estudemos sua trajetória – desde o início, em preto e branco, até os dias de hoje, em “high definition” e em 3D.

Fazendo isso, estaremos em concordância com Rosa Maria Bueno Fischer, que nos diz: “investigar a televisão, particularmente no Brasil onde ela tem tanta força na construção do imaginário social, significa investigar a nós mesmos, e a nossos humanos processos de construção enquanto sujeitos.

2.1. As primeiras transmissões:

As transmissões por ondas eletromagnéticas, ou seja, por ondas de rádio, as quais chamamos de radiotransmissão, possibilitaram, primeiramente, as transmissões de voz, posteriormente de imagens e nos dias de hoje as transmissões de dados.

Desde o início do século XIX, os cientistas estavam preocupados com a transmissão de imagens à distância e foi com o invento de Alexander Bain, em 1842, que se obteve a transmissão telegráfica de uma imagem (fac-símile), atualmente conhecido como fax.

A história da televisão deve-se a grandes matemáticos e físicos, pertencentes às ciências exatas que entregaram para as ciências humanas um grande e poderoso veículo.

A câmara de TV capta as imagens, decompondo-as em sinais elétricos que são mandados para um centro eletrônico, o modelador (aparelho que modula as ondas em um oscilador). Os sinais são enviados em forma de ondas por uma grande antena transmissora que é encaminhada ao aparelho receptor que desfaz os sinais, recompondo-os na sua posição original, reproduzindo na tela a imagem transmitida.

A formação da imagem é instantânea. O dispositivo eletrônico utiliza-se de pontinhos, ao invés de linhas, conseguindo desenhar o frame (imagem) inteiro a cada 1/25 de segundo. Para transmitir a imagem de um lugar para o outro utilizou-se antenas, mas como as ondas são em linha reta ficou difícil transmitir para o outro lado do globo terrestre, devido à curvatura, procurando deste modo uma solução espacial. Em 23 de Julho de 1962, a primeira transmissão via satélite, o satélite artificial Telstar, lançado pela NASA dos E.U.A.

O progresso da engenharia espacial e das telecomunicações permitiu lançar satélites em órbita à volta da Terra. São eles que garantem as transmissões televisivas e as comunicações telefônicas intercontinentais que permitem comunicar um mesmo sinal em todo o mundo ao mesmo tempo.

Em 1817, o químico sueco Jakob Berzelius descobriu o Selênio, mas só 56 anos depois, em 1873, que o inglês Willoughby Smith comprovou que o Selênio possuía a propriedade de transformar energia luminosa em energia elétrica.

Através desta descoberta pôde-se formular a transmissão de imagens por meio de corrente elétrica. Em 1892, Julius Elster e Hans Getiel inventaram a célula fotoelétrica.

Em 1906, Arbwehnelt desenvolveu um sistema de televisão por *raios catódicos*, sendo que o mesmo ocorreria na Rússia por Boris Rosing. O sistema empregava a exploração mecânica de espelhos somada ao *tubo de raios catódicos*. Em 1920, realizaram-se as verdadeiras transmissões, graças ao inglês John Logie Baird, através do sistema mecânico baseado no invento de Nipkow.

Quatro anos depois, em 1924, Baird transmitiu contornos de objetos a distância e no ano seguinte, fisionomias de pessoas. Já em 1926, Baird fez a primeira demonstração no Royal Institution em Londres para a comunidade científica e logo após assinou contrato com a BBC para transmissões experimentais. O padrão de definição possuía 30 linhas e era mecânico.

Nesse período, em 1923, o russo Wladimir Zworykin patenteou o *iconoscópio*, invento que utilizava *tubos de raios catódicos*. Em 1927, também Philo Farnsworth patenteou um sistema dissecador de imagens por *raios catódicos*, mas com nível de resolução não satisfatório. Zworykin foi convidado pela *RCA* a encabeçar a equipe que produziria o primeiro tubo de televisão, chamado *orticon*, que passou a ser produzido em escala industrial a partir de 1945.

Em março de 1935, emite-se oficialmente a televisão na Alemanha, e em novembro na França, sendo a Torre Eiffel o posto emissor.

Em 1936, Londres utiliza imagens com definição de 405 linhas e inaugura-se a estação regular da BBC. No ano seguinte, três câmeras eletrônicas transmitem a cerimônia da Coroação de Jorge VI, com cerca de cinquenta mil telespectadores.

Na Rússia, a televisão começa a fazer suas transmissões regulares em 1938 e em 1939, nos Estados Unidos. A National Broadcasting Company (NBC) transmitia, inicialmente, para cerca de 400 aparelhos na cidade de Nova Iorque, utilizando uma resolução de 340 linhas com trinta quadros por segundo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi o único país europeu a manter a televisão no ar.

Paris voltou com as transmissões em Outubro de 1944, Moscou em Dezembro de 1945 e a BBC em Junho de 1946, com a transmissão do desfile da vitória. Em Setembro de 1950, inaugura-se a TV Tupi de São Paulo, pertencente ao jornalista Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, com sistema baseado no americano.

As transmissões regulares a cores nos E.U.A. começaram em 1954. Já em 1929, Hebert Eugene Ives realizou, em Nova Iorque, as primeiras imagens coloridas com 50 linhas de definição por fio, cerca de 18 frames por segundo. Peter Goldmark aperfeiçoou o invento mecânico fazendo demonstrações com 343 linhas, a 20 frames por segundo, em 1940.

Em 1967, entra em funcionalidade, na Alemanha, uma variação do sistema americano, resolvendo algumas debilidades desse sistema que recebeu o nome de Phase Alternation Line, dando as iniciais para o sistema PAL.

Nesse mesmo ano, entrou na França o SECAM (Séquentille Couleur à Memoire), mas não compatível com o sistema a preto e branco francês.

2.2 A trajetória da televisão no Brasil

Em 1893, no Brasil, ocorre a primeira radiotransmissão da qual se tem notícia. O padre gaúcho Roberto Landell de Moura realiza, na cidade de São Paulo, do alto da Avenida Paulista para o alto do Bairro de Santana, as primeiras transmissões sem fio, com aparelhos de sua invenção, numa distância aproximada de oito quilômetros, em linha reta, entre o aparelho transmissor e o receptor. Esse acontecimento foi presenciado, inclusive, pelo então Cônsul Britânico em São Paulo, Sr. Lupton. Somente um ano depois, Marconi inicia as suas experiências de radiotransmissão.

Como padre, Landell encontra sérias dificuldades perante a Igreja, que não vê com bons olhos seus inventos e é considerado louco por suas idéias, inclusive, por pessoas ligadas ao governo. Em 1904, o Padre Landell começa a criar o projeto de transmissão de imagens à distância, ou seja, a Televisão. Talvez isso tenha sido o fator definitivo, juntamente com seu discurso, de que seus inventos pudessem transmitir seus sinais não só entre distâncias na mesma cidade, no mesmo país, mas ultrapassar oceanos e até mesmo possibilitar a comunicação entre planetas. O "grande prêmio" que recebe é a destruição de seu laboratório por fanáticos religiosos, na cidade de Campinas, São Paulo.

Landell deixou registradas patentes nos Estados Unidos:

- Transmissor de Ondas - outubro de 1904
- Telégrafo sem fio - novembro de 1904
- Telefone sem fio - novembro de 1904

Ainda hoje, é através deles que conseguimos criar teorias sobre como era a vida naquela época. Claro que as civilizações primitivas trabalhavam em seus desenhos, representando uma realidade que incluía muita emoção, como por exemplo: caçadas a animais gigantes como forma de representar a bravura do próprio.

Também em 1939 acontece a primeira transmissão de Televisão em circuito fechado, que se tem conhecimento no Brasil. Foi durante a Feira

Internacional de Amostras na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, utilizando equipamentos de origem alemã.

Em 1948, Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, cadeia de jornais e emissoras de rádio, viajou aos Estados Unidos para comprar equipamentos de televisão; acompanhado de Mário Alderighi e Jorge Edo, técnicos do rádio brasileiro, que iniciaram estágios na RCA (Radio Corporation of America) e na NBC, em Nova York, para aprenderem a utilizar esses equipamentos que chegariam ao Brasil dois anos depois. Também em 1948, durante a comemoração do centenário da cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais, houve transmissão experimental de televisão, mostrando cenas do Congresso Eucarístico, realizado na cidade, e o jogo de futebol entre os clubes Bangu (RJ) e Tupi (time local).

No final de 1949, Assis Chateaubriand visita novamente a RCA, nos Estados Unidos, para conhecer os novos equipamentos de transmissão em cores. Mas devido ao alto custo e a carência de técnicos, a idéia foi abandonada. Na recepção o processo é inverso, a imagem se compõe através da somatória das cores no *pixel*, ou seja, nos pontos da tela do televisor.

No dia 25 de Março, os equipamentos comprados da RCA (Radio Corporation of America) por Chateaubriand são retirados por seus funcionários no porto de Santos. Porém, historicamente, fala-se que essa compra poderia ter não ocorrido, caso Chateaubriand tivesse dado ouvidos ao presidente da RCA:

Consta que Assis Chateaubriand teria sido desaconselhado quanto a implantar uma televisão no Brasil pelo presidente da RCA (Radio Corporation of America), a quem conhecia pois já havia comprado dele equipamentos para algumas rádios dos Diários Associados. A alegação de que TV era algo para empresas fortes em países desenvolvidos, acabou funcionando como um desafio. (FURTADO apud REIMÃO, 2006,)

Do dia 20 à 26 de Julho, acontecem transmissões de um show chamado "Vídeo Educativo", no auditório da Faculdade de Medicina de São Paulo. Chateaubriand importa duzentos aparelhos de TV e espalha-os pela cidade. Faz

sucesso, mas o problema está em manter uma programação diária. As pessoas envolvidas no projeto trabalharam durante semanas para a inauguração e agora tinham apenas um dia para a preparação da programação do dia seguinte. O roteiro da estréia fica a cargo de Demerval Costa Lima que se torna o primeiro diretor de roteiro da TV Tupi.

A Televisão no Brasil tem sua pré-estréia no dia 3 de Abril de 1950, com a apresentação de Frei José Mojica, padre cantor mexicano. As imagens não passam do saguão dos Diários Associados na Rua 7 de Abril em São Paulo, onde há alguns aparelhos de TV instalados.

Em seu livro *Em instantes*, de 2006, Sandra Reimão afirma que “a TV Tupi, inaugurada em caráter definitivo em 18 de setembro de 1950 em São Paulo, como PRF- 3 TV Tupi-Difusora, Canal 3, foi a primeira emissora de televisão brasileira, pioneira também na América do Sul”, tendo como proprietário o jornalista Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, com sistema baseado no americano.

Precisamente, às 17h, Homero Silva convida Lolita Rodrigues a cantar "O Hino da TV" ou "Canção da TV"; composto especialmente por Marcelo Tupinambá, com letra de Guilherme de Almeida. A transmissão acontece das 18 às 23h e os profissionais vêm do rádio, jornal e teatro. Juntos buscam descobrir e desenvolver a nova linguagem que a televisão exige.

De acordo com Daniel Filho (2001) o espetáculo inaugural chamou-se *Show na Taba*, e contou com música, humorismo, dança, quadro de dramaturgia e foi apresentado por Homero Silva. Este programa foi realizado com duas câmeras e transmitido com a maior dificuldade.

"Está no ar a TV no Brasil", frase dita por Sônia Maria Dorce, então com 5 anos, como uma indiazinha com um cocar e umas peninhas na cabeça. Sua imagem é a primeira a aparecer na TV brasileira.

O primeiro telejornal, "Imagens do Dia", vai ao ar em 19 de Setembro, apresentado pelo radialista Ribeiro Filho, com texto e reportagem de Rui Rezende.

Não tem horário fixo, podendo entrar no ar às 9h30 ou 10h. Tudo depende da sorte, da programação ou de eventuais problemas na operação.

Maurício Loureiro disse em depoimento:

No dia seguinte ao primeiro noticioso, *Imagens do Dia*, na Tupi de São Paulo, em 1950, foi abordado na rua Marconi por uma senhora que reclamou que ele havia sido arrogante, não falara 'com ela', sentada diante da televisão fazendo um crochezinho. Aquela senhora já vira televisão, havia morado em Nova York. A partir daí, Loureiro Gama passou a escrever suas notícias como se fossem uma conversa com alguém, 'uma peça de teatro'. Chateaubriand telefonou para cumprimentá-lo por ser o único que sabia falar na televisão. Com a ajuda de uma telespectadora, Gama tinha descoberto a diferença entre as duas linguagens, a da tevê e a do rádio." (in <http://redetupitv.blogspot.com/> em 23/10/10)

Como colocam GONÇALVES e MÜLLER, 2008: "os folhetins televisivos agradavam ao público nacional, porém, a necessidade de mais verossimilhança com a vida do espectador fica cada vez mais evidente." Com isso, nasce a nova maneira de fazer televisão, tornando o tele-espectador parte do enredo, para quem devem ser endereçados os comentários e os programas.

Em Novembro, estréia o teleteatro "A Vida por um Fio", adaptação do filme americano "Sorry, Wrong Number". Drama policial com direção de Demerval Costa Lima e Cassiano Gabus Mendes, estrelando Lima Duarte, Lia de Aguiar, Walter Forster, Dionísio Azevedo e Yara Lins.

...em 29 de novembro, a Tupi apresentou o primeiro teleteatro. Uma adaptação-tradução de um texto que, em português, recebeu o título de **A Vida por um fio**. Foi também na TV Tupi que surgiram as telenovelas, inicialmente, no formato não diário, ou seja, transmitidas duas ou três vezes por semana. A primeira dessas telenovelas não diárias foi **Sua Vida Me Pertence**, de Walter Foster, que estreou em 1951. (FANUCCHI apud REIMÃO, 2006)

Nessa telenovela supracitada, nos principais papéis estão Lia de Aguiar, José Parisi e Dionísio de Azevedo. Ela é transmitida ao vivo em dois capítulos semanais devido à falta de condições técnicas pela TV Tupi.

Embora desacreditada no início, a televisão logo se torna peça importante e alvo do desejo dos cidadãos. Assim sendo, já existiam, na década, aproximadamente, 7 mil aparelhos de televisão entre São Paulo e Rio de Janeiro, conforme REIMÃO, 2006: “Um ano e alguns meses depois, no final de 1951, estima-se que existissem, no Brasil, cerca de 7.000 aparelhos de televisão, a maioria em São Paulo e o restante no Rio.”

A primeira transmissão oficial a cores no Brasil deu-se em 31 de Março de 1972. O desenvolvimento da TV foi tão grande que os canais disponíveis de VHF (Very High Frequency, isto é, frequência bastante alta) ficaram saturados, ampliando assim a utilização da faixa de UHF (Ultra High Frequency, isto é, frequência ultra-alta). Assim os fabricantes de televisores foram obrigados a construir um aparelho capaz de captar todos os canais para que os programas da faixa de UHF ficassem acessíveis.

3 A TELEDRAMATURGIA NO BRASIL

O escritor João Emanuel Carneiro (MEMÓRIA GLOBO3, 2008, P.34) diz que “a telenovela tem algo mântico. (...) A telenovela dá um hábito, um eixo. As pessoas chegam a se referir como forma de marcar horários. É importante as pessoas terem essa ordenação”.

A pesquisadora Renata Pallottini, ao definir o gênero telenovela como se vê hoje, diz ser uma mistura de “diálogo e ação, uma trama principal e muitas subtramas que se desenvolvem, se complicam e se resolvem no discurso da apresentação” (PALLOTTINI, 1998, p.54).

A pesquisadora percebe a telenovela como uma forma para mostrar os problemas da sociedade, pois “a ficção televisiva não é criada por robôs, mas sim por seres humanos, por escritores especializados, por técnicos, atores e autores que pensam e evoluem” (1998, p.201).

Esther Hamburger (1998) diz que ao longo do tempo e da evolução do gênero, as telenovelas se tornaram grandes termômetros da vida cotidiana e dos costumes da sociedade, mostrando a vida privada para o grande público. A autora ainda acrescenta que:

E talvez o fascínio e a repercussão pública das novelas estejam relacionados a essas ousadias na abordagem dos dramas privados de todo dia; e o quanto a moral final corresponde a modelos convencionais ou liberalizantes com frequência tem a ver com uma negociação imaginária indireta e cheia de medições que envolvem autores, produtores, pesquisadores de mercado, instituições como a censura, a Igreja e o público. (HAMBURGER, 1998, p. 475)

Assim, a novela, além de exercer o fascínio no telespectador através da trama e dos personagens, reflete cenas do cotidiano pessoal e social daqueles que acompanham a evolução de seus capítulos, reforçando uma possível identificação entre o mundo real do telespectador e o mundo da ficção.

A verossimilhança produz efeito tão vivaz que nos faz acreditar que estejamos também sendo assistidos pelas personagens dos programas. Todo esse envolvimento causa efeito decisivo no processo de participação mútua, onde o real se mistura com o imaginário e vice-versa.

Em 21 de Dezembro de 1951 foi ao ar a primeira tentativa de se realizar uma história seqüencial: *Sua Vida Me Pertence*, original de Walter Forster, transmitida às terças e quintas-feiras ao vivo, devido ao vídeo tape ainda não ter sido inventado. No início, as telenovelas, em sua maioria, eram adaptações de obras literárias, como *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Porém, segundo Ismael Fernandes, “o que os homens de tevê daquela época não sabiam é que estavam lançando a maior produção de arte popular da nossa televisão. É o grande fenômeno depois do futebol” (1997, p.35).

A telenovela diária apareceu apenas em 1963: a TV Excelsior exibiu *2-5499 Ocupado*, de Dulce Santucci.

O primeiro grande sucesso de audiência veio com *O Direito de Nascer* (1964 - 1965), apresentado pela TV Tupi. A partir daí, as emissoras começaram a produzir telenovelas sistematicamente. *Beto Rockfeller* (1968 - 1969), de Bráulio Pedroso, exibida pela Tupi, revolucionou o gênero ao tratar da realidade brasileira e usar linguagem coloquial.

Com o aprimoramento dos recursos técnicos, atores e autores migraram do cinema e do teatro para a televisão, atraídos também por melhores salários. Em meados dos anos 60, muitos autores de teatro passaram a escrever telenovela, como Dias Gomes, Lauro César Muniz, Ivani Ribeiro e Cassiano Gabus Mendes.

Como nos mostram Gonçalves e Müller (2008, p.4): “A aproximação da telenovela com a vida real começou a acontecer a partir de 1969, inaugurado pela trama *Véu de Noiva*. Teve início, então, o estilo ‘novela verdade’, usando toques de realidade na vida do faz-de-conta.” Temos aí o fatural início do que hoje conhecemos como teledramaturgia.

A partir de 1969, com *Véu de Noiva* a „novela verdade” como dizia a publicidade -, às 20 horas, as histórias começaram a incorporar a realidade: o automobilismo era utilizado como pano de fundo com o personagem de Cláudio Marzo – ao lado de Regina Duarte, Myrian Pérsia, Geraldo Del Rey, Glauce Rocha e outros - ligado à figura de Emerson Fittipaldi, então nosso principal piloto. (ALENCAR, 2004 p. 25)

Até meados da década de 1970, que marcou o início da hegemonia da Rede Globo na produção de telenovelas, as telenovelas ocupavam quatro horários da programação: 18h, 19h, 20h e 22h. No final da década de 1970, “a Globo, ao consolidar-se como hegemônica, estabelece três grandes horários: seis, sete e oito da noite”, deixando de lado a novela das dez da noite, como conta Sandra Reimão, em sua obra *Livros e televisão – correlações* (2004, p.26).

Ao falar de ações televisivas bem sucedidas, FERNANDES aponta:

(...) casamento perfeito realizado pela Rede Globo com dinheiro e inteligência enriqueceu a tal ponto a telenovela brasileira (e toda programação televisiva) que hoje se pode falar que ela passou a ser o néctar para milhões de abelhas espalhadas pelos oitos milhões e meio de quilômetros do país. (1997, p. 134).

Janete Clair, autora de *Irmãos Coragem*, *Selva de Pedra* e *Pecado Capital*, entre outras, tornou-se a principal autora de telenovelas do período. Também foi o período no qual foram feitas as primeiras produções em cores, sendo a primeira *O Bem-Amado*, em janeiro de 1973.

Em 1975, começam as produções do horário das seis na Globo, normalmente adaptações de clássicos da literatura. Essas adaptações lançam o

novato Gilberto Braga, autor de *Helena, Senhora, Escrava Isaura* e *Dona Xepa*. Devido ao sucesso desta última, Gilberto é promovido para o horário das 8, onde escreve *Dancin' Days*, um marco da teledramaturgia nacional que influenciou, inclusive, a abertura de diversas discotecas pelo Brasil, a exemplo da retratada na novela.

Com o sucesso da emissora e notável notoriedade de suas produções, tem início um tempo de novas aplicações e investimentos tecnológicos, como destacam Ortiz & Borelli, dando maior espaço a todos aqueles que estavam investindo e não apenas acreditando em televisão, pois “todo um know-how vai sendo absorvido na feitura da telenovela (e da televisão) nos anos 1970, e um novo padrão tecnológico vai se cristalizando” (1991, p.123)

Nos anos 80, a emissora lançou as minisséries, que se destacam pela sofisticação da produção e pela adaptação de clássicos da literatura brasileira, como *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Nesta década, destacam-se também as telenovelas das 7, marcadas pela comédia e por um sucesso muitas vezes maior do que as telenovelas das oito da época.

Além disso, foi durante os anos 80 que assuntos polêmicos e divergentes começaram a ser mais bem aproveitados pelos autores de telenovelas

Desta forma, a década de 1980 é caracterizada como um momento de maior abertura para temas próximos da realidade que deram espaço para discussões de assuntos polêmicos e ainda um pouco delicados até aquele momento. E, principalmente, foi uma fase onde os autores tiveram mais liberdade em falar de política, em sua maioria, utilizando a comédia, mas tentando mostrar a falta de ética e a corrupção presente no país para seus telespectadores. (JACONI & MÜLLER, 2010, p.4)

Os anos 90 começaram com um grande sucesso: *Pantanal*, de Benedito Ruy Barbosa, na Rede Manchete, que chegou a picos de 40 pontos no Ibope e ameaçou a soberania e audiência da Rede Globo. Mas as produções posteriores não mantiveram o mesmo nível. Só em 1996 a emissora voltou a ter audiência

considerável, com *Xica da Silva*, de Walcyr Carrasco (sob o pseudônimo de Adamo Angel).

A Rede Bandeirantes apostou no sistema de co-produção com produtoras independentes. O resultado dessa parceria são as telenovelas *A Idade da Loba* e *O Campeão*, ambas de 1995. Também em 1995, na Rede Globo, era lançada *Malhação*, um folhetim com temática jovem com objetivo principal de revelar novos atores para as produções da casa.

Nos anos 2000, o SBT intensifica a produção de versões nacionais de telenovelas estrangeiras, principalmente mexicanas.

Com a chegada da televisão digital no Brasil, em 2007, as primeiras produções transmitidas com a alta definição suportada pelo formato são *Duas Caras*, da Rede Globo, e *Dance Dance Dance*, da Band.

Nossa televisão está cada vez mais presente em nossos lares, mas não sendo o bastante, ainda procura personificar-se buscando pertencer e ocupar um espaço certo dentro de nossas famílias. Espaço esse ocupado, desde então, principalmente pelas telenovelas e seus assuntos e personagens envolventes.

Ao longo dos quarenta e cinco anos de exibição ininterrupta, muitas novelas da Rede Globo de Televisão exibiram cenas de histórias e épocas que marcaram um povo através de seus costumes, valores e lutas.

Dentre os temas muitas vezes abordados pelas telenovelas podemos destacar o papel do professor e como esses seres influenciam e marcam a vida daqueles que com eles dividem e compartilham de seu tempo.

4 OS PROFESSORES NA TELEDRAMATURGIA

Os professores costumam ser, depois dos pais, os primeiros "heróis" de toda criança.

Poucos são os adultos que não guardam na lembrança algum professor que tenha feito parte da infância ou da adolescência deles. Justamente por isso, giz e quadro negro são elementos que, volta e meia, voltam a aparecer nas novelas, trazidos por aqueles que fazem deles, instrumentos de seu trabalho: os PROFESSORES.

Interessa-nos aqui, fazer uma pesquisa do papel desempenhado pelos professores mostrados pela "telinha" nestes últimos anos, principalmente nas telenovelas, e em especial em *Malhação*.

Para darmos início a essa análise, precisaremos delimitar alguns conceitos, dos quais faremos uso para uma efetiva avaliação dos professores e também dos programas analisados.

Para o Dicionário Prático Michaelis, professor é: um homem (ou mulher – professora) que professa ou ensina uma ciência, uma arte ou uma língua; mestre. 2. O que professa publicamente as verdades religiosas

Para Wikipédia (2006), "Professor é o profissional que ministra aulas ou cursos em todos os níveis educacionais, a saber: Educação infantil, Educação fundamental, Ensino médio e superior, além do Ensino profissionalizante e técnico". É uma das profissões mais antigas e mais importantes, tendo em vista que as demais carreiras, em sua maioria, dependem desta. Nas séries iniciais da escolarização, temos uma porcentagem elevada de mulheres exercendo a função,

no Brasil, com o passar dos níveis escolares, vemos a inversão dos percentuais em favor dos homens.

Mas, de fato, o professor(a) é o grande agente propulsor no processo educacional. Conforme cita Chalita (2004)

[...] A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor.

Até bem pouco tempo, o professor(a) era simplesmente o detentor único do saber e seu papel era simplesmente entregar este saber ao aluno através do quadro verde, do giz e depois de cada aula, passar quilométricas lições de casa.

Os jovens de hoje estabelecem íntimo e envolvente contato com a televisão e com o vídeo, fruto de sua vivência doméstica. É através de programas transmitidos pelos televisores que muitos de nós adquirimos a maior parcela de todo conhecimento e informação que hoje concentramos.

Em pesquisa realizada por Fischer (2005), ela sugere que os jovens espectadores de *Malhação* identificam-se com os adolescentes do programa, mesmo aqueles que possuem perfis sócio-econômicos destoantes do representado. Isso nos remete ao fato de que muitos dos estereótipos criados pela televisão são aceitos, cultuados e imitados.

Preocupa-nos, assim, analisar o perfil do professor que vem sendo mostrado pelos programas de TV, que têm grande alcance e, muito mais importante, imensa influência na população.

Para Menegaz (2006, p.31): “Os meios de comunicação, especialmente a televisão, ‘coisificam’ formas de se obter satisfação. A novela constitui uma das formas mais ‘canalizadas’ de ‘coisificação’ do desejo e da fantasia, pelo fato de ter uma sequência que convoca à manutenção dessa fantasia ‘sugerida’ pela TV.”

Embora busquemos na televisão um momento de relaxamento e prazer, durante esse tempo em que estamos expostos a seus programas, estamos, consciente ou inconscientemente, assimilando informações transmitidas. Tais aquisições terão influência em nossas vidas e em nossas atitudes.

Como define Menegaz (2006, p.31): “a tela brilhante atrai, principalmente, os jovens, que são os telespectadores talvez mais expostos ao seu poder.”

Ao verificarmos as mais diferentes maneiras que os professores são mostrados, definidos, relidos ou até mesmo “caricaturizados”, notamos que muitas são as imagens conceituais que podem ser abstraídas delas.

Se tomarmos como exemplo a *Escolinha do Professor Raimundo*¹, personagem do incrível ator e diretor, Chico Anysio, notamos o quanto nossas salas de aula são banalizadas, nossos alunos ridicularizados e nossos professores, uma vez que têm o salário irrisoriamente pequeno, tornam-se incapazes de ensinar e transmitir conhecimentos a seus pupilos.

Ao mesmo tempo, ainda citando o mesmo programa, temos a imagem da criação do anti herói da educação, ou seja, aquele aluno que ainda acredita na aquisição do conhecimento, que vai para a escola em busca disso, estuda, tem interesse e dedica-se a sala de aula é marginalizado, posto de lado e esculachado pelos colegas. Colegas esses que, fazendo uso de uma artimanha ou outra conseguem a “nota” necessária para a aprovação.

De maneira semelhante, Sidney Magal, em sua sala de aula de *Uma Escolinha Muito Louca*,² também passa pelas mesmas situações de Chico Anysio.

¹ Estreou como programa independente na Rede Globo em agosto de 1990, sendo transmitido até maio de 1995. Voltou ao ar em 1999 como parte do programa Zorra Total, permanecendo até outubro de 2000. Retornaria a seu formato original em março de 2001, quando foi exibida sua última temporada. A partir de 4 de outubro de 2010, passou a ser reprisado pelo canal por assinatura Viva.

² **Uma Escolinha Muito Louca** foi um programa humorístico exibido pela Band desde 15 de dezembro de 2008 às 20h15. Mas a partir do dia 30 de outubro de 2009 o programa começou a ser exibido somente às sextas feiras a partir das 22h15. O formato da atração é semelhante ao da *Escolinha do Professor Raimundo*.

O professor Girafales³, do programa *Chaves*, também sofre com a falta de respeito e brincadeiras descabidas por parte de seus alunos, nada compenetrados e muito pouco envolvidos.

Que imagem estamos, então, obtendo dessas programações? Como fica o perfil do professor? Será que nossos alunos da atualidade não trazem para nossa sala de hoje o mesmo comportamento que encontram em tais programações? O papel da televisão, além de informar, pode também ser o de distrair relaxar. Vale a pena termos em mente até que ponto essa distração é boa ou ruim – se nos distrai das dificuldades ou de assuntos importantes que são, de certa forma, deixados de lado pelos governantes. Ao analisarmos o trecho:

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação dos cérebros de uma parte muito importante da população. Ora, pondo a tônica nos casos do dia, preenchendo o tempo tão raro com vazio, com nada ou quase-nada, afastam-se as informações pertinentes que o cidadão deveria possuir para exercer os seu direitos democráticos. (BOURDIEU, 2001, p.10 e 11).

Podemos notar que, segundo o autor, a televisão exerce um tipo de influência nem sempre salutar. Ele sugere que, por vezes, a TV utiliza-se de um tempo valioso para dizer coisas fúteis, que são importantes na medida em que ocultam coisas preciosas, como informações que influenciem a formação democrática dos cidadãos.

A televisão pode “ocultar mostrando”; mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz: informar. Ou ainda, mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade. (BOURDIEU, 1997, p.24)

³ O Professor Girafales (no original, El Professor Jirafales) é um personagem do seriado mexicano *Chaves* (El Chavo del Ocho). É interpretado pelo ator mexicano Rubén Aguirre.

Para Filho (2001, p.11) “quem faz e quem assiste à TV estão no mesmo barco. São cúmplices. E é essa cumplicidade que a gente deve buscar o tempo todo. Quer dizer, temos de entender para quem estamos falando e de quem estamos falando.”

Devemos nos ater a essa cumplicidade de que fala o autor para que possamos, na medida do possível, filtrar as informações que recebemos, buscando um equilíbrio entre tudo o que recebemos.

Curiosamente, muitas vezes não se tem tal preocupação, pois se confia no modo corrente de utilização desses meios. Eis aqui um grande equívoco, com os riscos de desvirtuar a natureza dos próprios meios e também prejudicar o trabalho pedagógico em prejuízo do aluno.

Ao falarmos em TV, como mídia ligada à educação, mais devemos nos preocupar com a maneira com que ocorre o processo de assimilação de informações produzidas por ela.

A nova escola deve, portanto, ultrapassar o costume de utilizar a televisão como mero instrumento, o que reduz as possibilidades de sua utilização como verdadeiro recurso didático-pedagógico. Para tanto, é preciso conhecer a televisão em seus próprios fundamentos.

Nesse ponto é importante pensarmos nas telenovelas como agentes que mostram nosso dia-a-dia, nossa vida privada, nossas alegrias e tristezas, nossas realizações e decepções.

Voltando ao papel específico dos professores e pesquisando alguns personagens que fazem ou já fizeram parte das salas de aula televisivas, notamos que nem sempre os perfis mostrados são ruins.

A professorinha Clotilde, por exemplo, personagem de Maitê Proença em *O Salvador da Pátria* (1989), despertou o amor de seu aluno Sassá Mutema, vivido por Lima Duarte. Foram cenas de muita emoção, onde o papel de professor foi

exaltado como um ser capaz de “dar luz” aos alunos, trazendo-os ao mundo das letras – da leitura e da escrita.

Assim sendo, se levarmos em consideração as grandes produções de Hollywood, notaremos que o papel do professor muitas vezes ultrapassa o limite de agente transmissor de conhecimento. Para Costa:

Hollywood os apresenta como modelos de virtude, são verdadeiros sacerdotes ou sacerdotisas em contraste com o conjunto de professores e professoras que são apresentados como seres apáticos, vencidos pela burocracia, sem interesse pelos alunos e alunas. Os professores posicionados no pólo do sucesso têm uma grande missão, exercem um sacerdócio, os vilões são expostos para colocarem em evidência e excepcionalidade dos heróis e milagreiros. (2006, p.147)

A figura dos professores é mostrada como seres todo-poderosos, que passam por situações de grande estresse, mas reagem positivamente e reverterem a situação a seu favor.

A autora vai em frente e afirma que os famosos estúdios americanos criam significados que confirmam o magistério como vocação e também apresentam o gênero masculino como melhor opção para o exercício da docência com turmas de jovens considerados sempre mais violentos e pertencentes a gangues.

Mais uma vez nos cabe filtrar o que nos é passado como mensagem através desses programas. Caso contrário, poderemos ser vítimas de conceitos errôneos, uma dualidade de oito ou oitenta. Levados das salas de aula do Professor Girafales diretamente para Duke high school, no filme O substituto, onde Tom Berenger, no papel de Shale resolve todos os problemas da comunidade escolar.

4.1 A Novela Malhação

Interessa-nos nesse capítulo uma pesquisa a respeito da novela Malhação, que será seguida uma análise do perfil dos professores dessa e de outras temporadas da série.

Para nos guiarmos e sermos bem sucedidos durante esse estudo, faremos uso dos ensinamentos teóricos de Fischer (2006, p.92 a 109). A autora sugere que, para procedermos a uma análise eficaz de produtos televisivos, devemos seguir um roteiro composto de seis perguntas, as quais passaremos agora a comentar e responder.

4.1.1 Que tipo de programa é esse?

A pergunta número um envolve a discussão sobre tipos de programas, gêneros, formatos. A autora tem claro quanto são tênues as fronteiras nesse campo, mas destaca a importância de elas serem discutidas, até porque as categorias fazem parte da própria relação que o público estabelece com os programas.

Malhação é uma série adolescente brasileira, produzida e exibida pela Rede Globo desde 24 de abril de 1995, contando, até 2010, com 18 temporadas e mais de 3700 capítulos. Essa novela é ficcional, ou como coloca a autora, “de fantasia”, mas trás ao ar problemas que adolescentes enfrentam durante sua jornada escolar e familiar.

Em geral, a trama conta histórias do dia-a-dia dos adolescentes, na maioria da classe média alta carioca, com seus conflitos cotidianos, como, por exemplo, escola, academia, amigos, família e, principalmente, suas relações amorosas, que ocupam o âmago de todos os enredos.

A cada ano há um diferente casal protagonista que ocupa o núcleo de toda a história. Esse casal deve enfrentar todas as artimanhas dos antagonistas, que na maioria das vezes vêm em pares ou trios.

Como alguns alunos acabam o Ensino Médio, alteram-se também alguns atores, enquanto outros permanecem ocupando outros lugares na série.

4.1.2 Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem se endereça?

A segunda pergunta refere-se às formas como o produto midiático procura chegar ao público. A autora remete às questões desenvolvidas por Elizabeth Ellsworth, que sugere perguntarmos, diante dos textos televisivos: “quem este programa pensa que você é?” e “quem este programa quer que você seja?” (p. 97)

Passando já há quinze anos sempre no mesmo horário – das 17h30 às 18h – na Rede Globo, em canal aberto, essa telenovela é endereçada a adolescentes de ambos os sexos, de todas as camadas sociais, mas principalmente a classe média.

Esse programa trás consigo alguns fatores pedagógicos, sendo que tem a intenção de ensinar, não pelo simples fato de se tratar de uma escola, mas por buscar mostrar situações problemáticas da vivência dos adolescentes.

A novela, muito provavelmente, considera que seu público alvo, sendo composto por jovens adolescentes, esteja em fase de crescimento físico e intelectual. Daí a preocupação em abordar assuntos tão contemporâneos e tão significativos para esses membros da sociedade.

Eles (Dolto e Dolto Tolitch) afirmam que os adolescentes vivem o “Complexo da Lagosta” em seu processo de crescimento. As lagostas, quando estão crescendo, precisam trocar de carcaça, perdendo a antiga e fabricando uma nova. Durante esse período de troca, ficam um tempo sem defesa e expostas a grandes perigos. O trabalho psíquico que o adolescente precisa desenvolver para encarar as mudanças que chegam com a puberdade pode ser comparado a esse processo, ou seja, o adolescente deverá fabricar uma nova imagem de si para enfrentar o que lhe será imposto a partir desse momento. (MENEZES, 2006, p.25)

Dessa forma, a mídia televisiva assume mais uma vez seu papel educacional. Porém, é claro, mostrando que os autores julgam apropriado e conveniente. Através de seus personagens e situações, trazem para dentro de nossos lares, modelos de comportamento carregados com os significados e com as informações que julgam serem pertinentes.

4.1.3 Qual a estrutura básica do programa?

Esta questão procura instigar a reflexão sobre formas narrativas e estratégias sintáticas de construção da linguagem.

Como já foi dito, a novela é transmitida diariamente, de segunda a sexta-feira durante meia hora. Sendo que essa meia hora é dividida em duas partes separadas pelos comerciais.

Apresentada em capítulos, *Malhação* segue os mesmos moldes do padrão novela, com adaptações quanto à temática abordada, o roteiro, a sinopse, que buscam lidar com situações pertinentes ao “mundo mais jovem”.

Os capítulos dão sequência uns aos outros, deixando sempre para o próximo um nó a ser desfeito. Sendo assim, haverá sempre o interesse por parte do telespectador de “não perder” nem o início e nem o final de cada capítulo.

Cada temporada é composta de pequenos conflitos que vão se resolvendo com o passar das semanas. Porém, o ápice só é alcançado ao final da temporada, quando o “problema-chefe” é desfeito.

As temáticas principais são a descoberta do amor e da sexualidade (juntos, preferencialmente), paqueras, namoros, encontros e desencontros, dos protagonistas e do elenco de apoio. As relações amorosas representadas no programa são, invariavelmente, interrompidas por jovens vilões que vivem “aprontando” com os colegas para levar alguma vantagem e os protagonistas passam toda a história se desentendendo para finalmente se reconquistarem e casarem, antes de viajar para algum lugar distante e deixar o programa. (COUTINHO e QUARTIERO, p.7)

As temáticas principais são a descoberta do amor e da sexualidade (juntos, preferencialmente), paqueras, namoros, encontros e desencontros, dos protagonistas e do elenco de apoio. As relações amorosas representadas no programa são, invariavelmente, interrompidas por jovens vilões que vivem “aprontando” com os colegas para levar alguma vantagem e os protagonistas passam toda a história se desentendendo para finalmente se reconquistarem e

casarem, antes de viajar para algum lugar distante e deixar o programa. Frases prontas, cheias de lições de moral e modelos de conduta, reafirmam papéis sociais de meninos e meninas dentro da sociedade.

4.1.4 Afinal, de que trata este programa? Quem fala e de que lugar?

Essa questão provoca o levantamento dos temas em pauta em cada programa, ligados à escolha das pessoas que vão apresentá-los.

Quando começou a ser exibida, em 1995, toda a trama se desenvolvia tendo como cenário a Academia Malhação, na Barra da Tijuca, RJ. O personagem de destaque na primeira fase foi Hércules, um rapaz ingênuo do interior do estado, que vai para o Rio de Janeiro trabalhar e estudar, e emprega-se na Academia. Quem também se destacou nas primeiras fases do seriado foi Mocotó, um conquistador de mulheres que vivia contando vantagem aos amigos.

Com o evoluir dos tempos, o sucesso alcançado e a necessidade de mudanças, o cenário da academia de ginástica foi substituído por uma escola de ensino médio. Como nos mostra Menegaz:

Até que a mudança de academia para escola se consolidasse, Malhação passou por um período de transição, com temporadas ao vivo e cenários alternativos, que, necessariamente não estavam vinculados ou faziam referência ao título do seriado. Em 1999, o programa assumiu a configuração que apresenta hoje. Além de substituir a academia por uma escola, Malhação passou a ter também como cenário a casa de alguns personagens, lanchonetes, clubes e ambientes de trabalho de alguns adultos, tais como consultórios médicos, oficinas mecânica, pontos de táxi, entre outros.(2006, p.76)

Tal mudança se deve ao fato de os personagens apresentados na academia serem mais adultos do que adolescentes, e como o público-alvo continua sendo jovens de 12 a 17 anos, adequando-se dessa maneira, ao endereçamento proposto.

Com todas essas modificações, a escola em si passou a ser somente mais um cenário do programa, e pouquíssimas cenas são gravadas nas salas de aula e, praticamente todos os personagens adultos relacionados à escola, foram substituídos por personagens cômicos: diretores, faxineiros, servente, professores.

Podemos assim dizer que a novela hoje, apesar de manter ainda o nome que ainda a vincula a uma academia, deixou de ter qualquer ligação com esse ambiente, passando a assumir novos formatos e a abordar assuntos mais ligados aos jovens adolescentes.

4.1.5 Com que linguagens se faz este produto?

Como uma novela, *Malhação* faz uso de um grande leque de aspectos de linguagem próprios dos textos televisivos.

Momentos em que somente uma música faz o trabalho do diálogo, a mudança de planos, buscando identificar itens específicos e importantes naquele momento, a quebra da expectativa no momento do clímax, e outros recursos são utilizados para sempre manter os expectadores com os olhos “grudados na telinha”.

Os diálogos, repletos de gírias, parecem apenas marcar as características das personagens, mas podem representar também que “a função primordial dessa fala fabricada pelos redatores é completar os estereótipos de toda ordem” (PRETI, 2001, p. 236) e, assim, ratificar uma imagem estereotipada de juventude.

4.1.6 Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?

Com essas perguntas, somos levados a pensar na televisão não somente como mero eletrodoméstico. Devemos aqui nos lembrar que as mídias educam, e fazem isso de maneira bastante efetiva. É imperativo termos na TV uma ferramenta pedagógica, que abre um leque de provocações sobre nossa sociedade, sua dimensão cultural, as lutas políticas e simbólicas que nela se travam.

Mergulhar no universo do estudo desse objeto – televisão – é , como diz Rosa Maria Bueno Fischer, “participar de uma investigação permanente sobre nós

mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de construir sujeitos e de interpelar indivíduos e grupos sociais.” (2006, p.109)

No que tange a pedagogia, Malhação se revela particularmente inspiradora ao trabalho com as mídias em sala de aula, não somente porque fala **de** jovens, mas primordialmente, **para** os jovens.

4.2 Os professores de Malhação

No contexto atual, estamos inseridos em uma sociedade globalizada. É senso comum que não se pode sobreviver sem a colaboração de parceiros. No âmbito educacional, onde o compartilhamento do conhecimento se torna o objetivo principal, a importância desta colaboração é ainda mais significativa.

Rego (1995) mostra que os postulados de Vygotsky apontam para a necessidade da criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes; onde haja espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que os professores(as) e alunos(as) tenham autonomia, que possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Assim deve ser a relação professor(a)-aluno(a): o aluno(a) precisa aprender a aprender e o professor(a) precisa aprender a reaprender sempre.

Talvez seja esse o modelo de professor e de sala de aula mostrados pela novela *Malhação*, pois todos os alunos entrevistados disseram exatamente isso: os professores do Primeira Opção – nome atual da escola de ensino médio onde estudam os personagens principais de *Malhação* – interagem com seus alunos, ouvindo-os e respeitando suas ideias. Como afirma Costa, “...a escola do seriado pretende se caracterizar por ter docentes afinados com os discursos educacionais contemporâneos...” (2006, p.259)

Como educadores, caminhamos todos em busca de um mesmo ideal, buscando o bem comum. Porém, deparamo-nos com um mundo que vem vivenciando uma crise que atinge todos os segmentos sociais.

A qualidade no ensino tem ocupado, nos últimos anos, um lugar de destaque, seja no discurso de agentes da educação, como na agenda de políticos, sendo o bom relacionamento professor / aluno um dos principais elementos discutidos para a garantia de qualidade, sobretudo dos ensinamentos fundamental e médio.

Nossa busca, enquanto pesquisadores, consiste em encontrar possíveis explicações para certas situações que vem acontecendo em nossas salas de aula, onde professores e alunos, que deveriam compartilhar de um sentimento de respeito, estão travando batalhas – que só fazem prejudicar.

Como já vimos nos capítulos anteriores, as mídias têm grande poder de penetração na vida dos cidadãos, principalmente das crianças e dos adolescentes, em fase de formação do seu caráter.

Vimos também que alguns programas de televisão (seriados, folhetins, filmes, novelas) minimizam a figura dos professores, enquanto outros os elevam a postos tão altos que chegam a ser inatingíveis.

Considerando que nosso público com maior dificuldade de relacionamento e aceitação de limites nos dias de hoje sejam os jovens entre 11 e 17 anos, decidimos por buscar em *Malhação* algumas possíveis respostas para tais problemas da atualidade.

Algumas dificuldades que temos enfrentado em nossas escolas podem estar relacionadas à maneira como a nova geração de aprendizes tem vivido. Segundo Litto (2006), como 90% das casas têm televisão com controle remoto, "o aluno está acostumado com o mundo interativo, se não gosta do programa, aperta o controle remoto e muda. Quando ele vai para a escola e não gosta do estilo do professor e da matéria, ele também quer apertar o controle e mudar de professor".

Na novela há diferentes professores habitando as cenas e, embora apareçam poucas vezes em cada capítulo, desenvolvem papel fundamental como referência para quem assiste à trama.

Ao conversar com alguns alunos em sala de aula, foi possível perceber o quanto eles admiram a maneira como professores e alunos do Colégio Primeira Opção se relacionam. Foram unânimes em afirmar que gostariam de estudar em uma escola como essa, pois lá todos são ouvidos e os problemas são discutidos pela turma como um todo e todos são respeitados.

A maneira como esses alunos se referem aos professores nos remete ao que prega Freire (1996, pg. 96):

Bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Realmente, ao assistirmos aos episódios de Malhação, verificamos que as aulas são ministradas por professores apaixonados, preocupados com o aprendizado de seus alunos, que se comportam de maneira adequada durante as aulas. Podemos comprovar isso através do que Costa nos relata: “nada têm a ver com as aulas participativas dos demais professores, que relacionam os conteúdos com os saberes dos alunos, que propõem trabalhos em grupos, incentivando o debate e a realização de pesquisas.” (2006, p.259)

Entretanto, não podemos ir tão longe a ponto de afirmar que todos tenham seus pontos de vista respeitados, principalmente entre os alunos com pensamentos preconceituosos.

A novela por si só, mais do que seus professores, aparece em vários momentos como educadora para a adolescência, como referência de modelo de adolescência e como educativa. As situações educam, e os professores muito pouco

aparecem. Costa nos coloca muito bem como a figura dos professores é vista pelos telespectadores:

Certamente a significativa audiência de *Malhação* não se deve ao carisma de seus personagens docentes, mas eles estão lá, participando das tramas e produzindo significados sobre professoras e professores. Significados que são compartilhados ou refutados, mas que estão circulando e produzindo efeitos sobre os quais não temos qualquer controle. Resta-nos então a alternativa de estarmos atentos aos seus enunciados para que possamos colocá-los sob suspeita, rachando a lógica dos discursos para expor o seu caráter construído e contingente. (COSTA, 2006, p.256)

Os professores personagens de *Malhação* podem não ser os responsáveis diretos pela audiência, mas vale lembrar que todos têm sua parcela de participação.

Na temporada atual, a décima oitava, temos visto assuntos bastante atuais e controversos, como o racismo, o preconceito, a homofobia, a gravidez na adolescência, além, é claro, de todos os problemas corriqueiros que fazem parte do dia-a-dia de todos nós.

Regra para o reconhecimento e respeito dos professores, é o respeito a si mesmo e à posição que ocupa. Notamos uma valorização do magistério ao ouvirmos como Teresa, a diretora do colégio, se coloca frente a uma questão polêmica: “Eu sou diretora aqui do Primeira Opção, eu represento a imagem do colégio. Não ficaria bem eu em uma manifestação que fere os princípios e os valores da maioria dos pais dos alunos.”

Vemos, com sua fala, como ela se coloca acima de sua vontade em prol do posto por ela ocupado, requerendo uma posição íntegra e imparcial. Imagem que se quer, assim, passar da figura do professor.

Com o professor Odilon, de Geografia (personagem de Marcos Winter), temos podido aprender sobre assuntos atuais e também sobre respeito aos direitos igualitários. Em uma de suas aulas, ele falou sobre o “Pink Money”:

...tecnologia, moda, turismo, serviço, indústria de alimentos, design; enfim, como eu disse, quase todos os setores da economia estão, sim, de olho num público bem informado, formador de opiniões. Um público que tem grana, não tem filhos. Um público autossuficiente, porque desde sempre, desde pequeno, tem que provar pra todo mundo que é competente...

Tal discurso ocorre porque um dos alunos se declara gay e sofre com o preconceito por parte de alguns colegas. Colegas esses que, após a fala do professor, perguntam a ele qual sua opção sexual. Pergunta não respondida, uma vez que acredita não ser nem importante, nem relevante. Por conta disso, o professor teve também sobre si, suspeitas com relação a sua sexualidade. Porém, não se rendeu.

Em sua defesa, mostrando que o que importa não é a sexualidade, o professor alega: “Se eu precisar trazer um atestado de “machesa” pra ser respeitado por esses alunos, é porque tem alguma coisa muito errada nesse colégio.”

No decorrer da vida profissional, o professor verifica que o relacionamento entre ele e o aluno mostra-se um fator primordial no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, com destaque para a questão da disciplina em sala de aula. Por outro lado, professor e aluno parecem afastados: o professor sente dificuldade de estar se relacionando com os alunos de forma aberta e conveniente.

Faz-se necessário, porém, que sejamos cautelosos; não podemos nos abster de nossos ideais e ações em prol da construção de uma imagem endeusada de professor. Assim como Odilon, o professor tem a função de mostrar o que é correto, sem com isso ferir os princípios de outros. Somada a essa atitude, está também a ação da diretora, que não abriu mão de suas ideias, mas preferiu não “agredir” a comunidade escolar com um ato.

Cabe ao ensino integrar informação, conhecimento e saber, pois não sendo possível isso, há uma grande probabilidade de não se conseguir promover a sociabilização do saber.

O educador atual deve primar pelo diálogo, não podendo, assim, se colocar na posição de detentor do saber; deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Há professores que, por medo, ignorância ou arrogância, não conseguem ter um bom relacionamento com os alunos e deixam de lado a aprendizagem afetiva, colocando em prática somente a pedagogia tradicional na qual o aluno é visto como uma folha em branco pronta para ser preenchida pelo digníssimo professor, que julga ser o detentor de todo o conhecimento. Nesse método, não há trocas. Não há críticas. Não há crescimento. Há platéia. Há ouvintes. Há fã-clube.

Para Freitas (1998, pg.74), “a professora se comporta como se ela fosse a proprietária da sala de aula, bem como de tudo que está ali dentro: mesa, quadro, giz, e, inclusive, os alunos. É por isso que ela se sente no pleno direito de manipulá-los conforme sua vontade”.

Tais professores já não cabem mais em nossos ambientes de ensino. Eles pertencem a um tipo de educação e relacionamento unilateral que não desejamos para os nossos jovens. Não é dessa forma que se ajuda alguém a contestar a ter o direito a não concordar com as coisas, ou até de concordar, criticamente, com o assunto apresentado.

Uma professora adepta dessa metodologia já fez parte do staff de *Malhação*, no tempo em que a escola se chamava Múltipla Escolha, como nos conta Marisa Vorraber Costa:

...Dona Isaura, uma senhora idosa, foi procurar emprego como faxineira no colégio Múltipla Escolha. Alguns alunos, ao verem que ela precisava muito trabalhar, e procurando ajudar, descobriram que ela tinha sido professora de Geografia e agora, desempregada e à procura de alguma chance no mercado de trabalho, propunha-se a realizar serviços de limpeza... Por outro lado, ao ser contratada, esta professora a utilização de métodos ultrapassados em suas aulas, exigindo que os alunos memorizem certas informações, repetindo inúmeras vezes as capitais mundiais, os afluentes dos rios brasileiros, etc., além de exigir prova oral e descontar pontos da média final. (2006, p.259)

Obviamente, essa professora não permaneceu por muito tempo lecionando na Escola. Costa sugere que o fato dela estar desempregada esteja ligado à maneira como a professora ministra suas aulas, sugerindo sua incompetência e falta de preparo.

O professor hoje é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Porém, não se trata daquele ensinar passivo, mas do ensinar ativo no qual o aluno é sujeito da ação, e não sujeito-paciente; também, é preciso ficar evidente que o professor agora é formador e como tal precisa ser autodidata, integrador comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível e comprometido com as mudanças desta nova era.

Outra atribuição bastante pertinente ao professor contemporâneo é fazer com que o aluno tenha uma formação cidadã.

Podemos notar que a novela trabalha de forma a mostrar que todos somos iguais e que todos devemos interagir com o diferente para aprendermos a entendê-lo e respeitá-lo. Durante essa temporada de 2010, os temas-chave foram exatamente os ligados ao preconceito e ao racismo. Moran estabelece o quanto essa vivência é importante:

O contato com pessoas tão diferentes com as quais interagimos, vai nos mostrando mil formas de perceber, de sentir, de pensar, de agir, de interagir. Encontramos pessoas que parecem captar dimensões mais ricas da realidade, por meios diferentes dos convencionais. Deixando de lado os que trapaceiam, vemos pessoas que são sensíveis, honestas, que têm certos poderes de percepção ou de cura, fora dos padrões convencionais. (MORAN, 1998, p.138)

Os novos conhecimentos e experiências devem ser conectados a suas vidas, para que o mesmo entenda o mundo à sua volta. De nada adianta o educando ter conhecimentos em todas as áreas possíveis, mas não ter o discernimento de como usá-las de forma prática e útil; enfim, educar para a vida é ensinar o que realmente faz sentido no cotidiano do aluno.

O papel da escola e do professor é estar em constante mudança, em um aperfeiçoamento incessante e contínuo, adotando sempre métodos didáticos

avançados, realizando cursos de capacitação profissional para enriquecer o currículo e criando novos conteúdos e parcerias com a sociedade.

Conseqüentemente, nota-se que o professor não é mais a única fonte de saber como antigamente. Antes, os alunos apenas necessitavam instruções dos seus professores, já hoje, exigem que os docentes ajudem-nos a decifrar as informações e preparem-nos para saber e fazer. Há alguns anos, era suficiente que o professor fosse um bom docente. Atualmente, demanda-se que ele seja um comunicador, um diagnosticador, um motivador e um tutor, como o professor Litto (2006) exemplifica:

Cada vez mais pessoas na sociedade moderna vão trabalhar com produção de conhecimento. Isso significa que vamos estar construindo, como os egípcios fizeram, pirâmides de conhecimento daqui por diante, do solo até o céu. O que mais caracteriza esse novo tipo de sociedade é que com tanta gente produzindo informação, a informação do passado fica deslocada para uma segunda posição. Moral da história: não vale a pena gastar muito tempo memorizando muita informação, porque você tem que trocar essa informação para estar atualizado.

Talvez haja um exagero no enredo quando abordando um assunto, pois o mesmo nó é dado em todos os nichos existentes na novela. Como nessa temporada o problema mostrado, por conta das agressões homofóbicas ocorridas na Avenida Paulista, em São Paulo, neste ano é o homossexualismo e como os gays são discriminados, esse tema ganha poder de ação bastante abrangente dentro dos espaços da telenovela.

Os problemas estão dentro e fora da escola, mas é através dessa super exposição que a mensagem é passada e assimilada pelos jovens fãs da série.

A novela está há quinze anos no ar e já passou por inúmeras modificações e implementações. Muitos foram os atores e atrizes que começaram ali e também muitos foram os personagens que por ali passaram. Sendo assim, ainda sobra muito para futuros estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a pesquisar de que formas as TICs têm sido usadas para contribuir com o processo ensino/aprendizagem e como elas estão hoje inseridas em nosso meio. Nossos filhos, já tão acostumados a fruir de tais tecnologias, são expostos desde seu nascimento a essas fontes de informação e com elas passam a compartilhar muitos de seus momentos mais importantes.

Notamos uma grande mudança no que tange a maneira com que muitos conhecimentos são adquiridos e transmitidos nos dias de hoje, principalmente aqueles adquiridos através da televisão.

Pudemos descobrir que a televisão, embora desacreditada no início, teve uma ascensão fabulosa durante esses mais de sessenta anos de existência e assume hoje papel muito importante em nossa sociedade e também sobre ela.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos - levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais mais abstrato, complexo e na contra-mão da maioria como a escola se propõe a fazer. (MORAN, 2007, p.162)

Nosso país é hoje, sem nenhuma contestação, o maior produtor de telenovelas do mundo. E isso não se refere ao número de programas produzidos, mas sim, à qualidade que elas têm. Qualidade relacionada ao nível das imagens,

aos sets de filmagens, aos enredos e também ao imenso número de fabulosamente talentosos atores e atrizes.

A teledramaturgia também acabou ganhando espaço internacional com a telenovela *O Bem amado*, produzida em 1973, que abriu as portas para a exportação quando foi vendida para uma televisão uruguaia. Atualmente, o ranking entre as telenovelas mais exportadas está a novela *Da cor do pecado* (2004), em primeiro lugar, que foi vendida para 100 países. Na sequência aparecem as novelas *Terra Nostra* (1999) para 95 países, *O Clone* (2001) para 91 países, *Escrava Isaura* (1976) para 79 países e *Laços de Família* (2000) para 77 países (MEMÓRIA GLOBO GUIA ILUSTRADO, 2010, p.31 apud JACONI e MULLER).

Analisando, então o contexto no qual estamos encerrados, fica fácil concluir que as telenovelas, impulsionadas pelos aparelhos de televisão distribuídos por todos os cantos do mundo, tornam-se um eixo padrão para muitos, principalmente para os jovens adolescentes, em fase de (trans)formações e de transições.

Delimitado, assim, nosso público-alvo, decidimos por analisar o programa vespertino *Malhação*. O motivo da escolha está no fato de ele estar no ar há mais de quinze anos, sendo exibido diariamente pela Rede Globo de Televisão e ser voltado, principalmente, para jovens de ambos os sexos, mas também possui alcance entre um público formado por donas de casa e idosos.

Passando de temas considerados infantis como a socialização dos adolescentes em festas e saídas, o universo da escola e dos pequenos trabalhos, o primeiro beijo e as briguinhas entre casais, o programa concentrou, nos últimos cinco anos, suas temáticas em assuntos mais sérios na óptica adulta: como violência doméstica, desemprego, alcoolismo, câncer, DSTs, gravidez na adolescência, corrupção, preconceito e racismo.

O fio condutor de todas essas temáticas é, sem sombra de dúvidas, a inserção do adolescente no universo real, representado no ficcional.

A TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos - a fala da escola é muito distante e intelectualizada - e fala de forma impactante e sedutora - a escola, em geral, é mais cansativa, concorda? O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola. (MORAN, 2007, p.162)

Percebemos que a novela *Malhação* funciona como um grande mestre, capaz de ensinar e informar. Também notamos que seus personagens têm o poder de lançar modas e jargões, influenciar no modo de ser e sentir.

Então partimos para uma análise daqueles que são os responsáveis pelo aprendizado dos personagens dentro da trama: os professores de *Malhação*.

Em sala de aula os professores mostram-se sempre interessados pelos alunos e procuram sempre ouvi-los, levando em consideração o que têm a dizer e, de maneira participativa, relacionam os conteúdos com os saberes dos alunos.

Há sempre também uma preocupação em manter o politicamente correto e aceitável, onde os bonzinhos mostram o que é correto e os vilões acabam levando uma lição.

Alguns assuntos clichê continuam a ser usados: o bem vence sempre o mal, o amor supera tudo, todas as dificuldades são superadas, problemas familiares, e assim por diante. O que podemos concluir com isso é que, embora saibamos que a vida real não funcione da mesma maneira, nossos jovens continuam a ter esperança, e isso é realmente fundamental para nossas vidas.

Por outro lado, um certo distanciamento do mundo real e a ausência de problemáticas cotidianas, que nem sempre são de fácil resolução, podem deixar o programa atrelado a idealizações que os adolescentes não encontram quando se deparam com suas rotinas verdadeiras. Um excesso de maniqueísmo e um tom, por vezes, muito didático também dão ao programa uma conotação educativa que ele

não precisaria ter, uma vez que a TV tem a possibilidade de educar, mas não necessariamente essa obrigação.

Mesmo assim, *Malhação* segue sendo um referencial para os seus telespectadores, inclusive em relação ao ritmo de suas narrativas. A velocidade com que tudo ocorre hoje é também levada para essa novela, haja vista a rapidez com que todos os nós são desfeitos. Criados no início da semana, eles serão resolvidos durante os cinco dias seguintes, o que faz dessa novela mais atraente para jovens – acostumados com o imediatismo da vida cotidiana da contemporaneidade.

Os professores de *Malhação*, mais do que ensinarem, representam um estereótipo positivo para os profissionais da área, pois realizam suas atividades com dignidade, respeito e de maneira bastante amigável. Diferente de outros programas de TV, *Malhação* vem fazendo do professor um amigo de seus alunos, mas respeitado por todos como superior hierarquicamente.

Diante de quadros de violência e desrespeito contra professores que frequentemente são testemunhados em escolas do país todo, mostrar a figura de um educador que merece e consegue trabalhar com dignidade é algo a ser destacado. Outrossim, há inúmeros aspectos da atuação docente que carecem de maior visibilidade, e, mesmo que não se consiga abordá-los numa história concentrada num contexto muito específico, é importante que eles sejam discutidos, não necessariamente pela televisão, mas, possivelmente por ela.

Ao finalizar esse breve estudo sobre os professores apresentados como personagens na novela *Malhação* fica a percepção de que há diversos aspectos sobre essa representação que podem e devem ser aprofundados em futuros trabalhos de pesquisa. Fica também a certeza de que os produtos da teledramaturgia do Brasil, com sua riqueza técnica e com sua habilidade de linguagens, podem ser explorados como artefatos de ensino, uma vez que trazem consigo facetas incompletas de um Brasil e brasileiros que merecem, sempre, uma análise mais ampla e crítica.

Muitos anos já se passaram desde a primeira transmissão dessa telenovela. Assim, há muito ainda para ser pesquisado e resgatado se percorrermos toda essa trajetória.

Não se pretendeu com essa monografia, esgotar o assunto no que se refere ao tema abordado. Muito antes pelo contrário, fica aqui uma ideia somente, para que outros venham e deem continuidade a ela.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira. Panorama da telenovela no Brasil.** 2 ed. RJ: Editora Senac Rio, 2004.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth B. **O computador na Escola: Contextualizando a Formação de Professores.** Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2000.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral.** São Paulo: Cortez, 1994.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente.** In: MASSETO, Marcos T., MORAN, José M. Moran. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.* 2º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BELONI, Maria Luiza. **Educação a distância.** Campinas: Autores associados, 1999.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor.** São Paulo: Gente, 2004.
- COUTINHO, Lídia Miranda; QUARTIERO, Elisa Maria. **Uma Representação Midiática De Jovem E Escola: A Telenovela Malhação E Seus Modos De Endereçamento.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5827--Int.pdf>
- COSTA, Marisa Vorraber (org.). **O magistério na política cultural.** Canoas, RS. ULBRA, 2006.
- DIMENSTEIN, G. **Educar é Ensinar o Encanto da Possibilidade.** 2001. Disponível em <http://www.aprendiz.org.br>
- DE KERCKHOVE, Derrick. **Texto, contexto, hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente.** In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 22, p.7-12, dez. 2003.
- FANTIN, Gilka; GIRARDELLO, Monica. **Liga, Roda, Clica – estudos em mídia, cultura, infância.** Campinas, SP: Papyrus, 2008.

FAVARETTO, Fernando. **A Literatura de Ariano Suassuna na Tv: um estudo de formação estética.** – Porto Alegre, 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira.** 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FILHO, Daniel. **O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FIORENTINI, Leda M. R. & MORAES, Raquel de A. (orgs.) **Linguagens e Interatividade na Educação a Distância**, DP&A, Rio de Janeiro, 2003

FIORENTINI, Leda M. R. **A Perspectiva Dialógica nos Textos Educativos Escritos.** In: Fiorentini, Leda M. R. & MORAES, Raquel de A. (orgs.) *Linguagens e Interatividade na Educação a Distância*, DP&A, Rio de Janeiro, 2003

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: Fruir e Pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação.** In: *Verso & Reverso: revista da comunicação.* São Leopoldo, RS Vol. 19, n. 40 (1. sem. 2005)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Paulo S. **Redes Eletrônicas no ensino de ciências: Avaliação Pedagógica do "Projeto Ecologia" em São Caetano do Sul.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1997

GONÇALVES, Erica R.; MÜLLER, Karin. **Ficção e Realidade na Tela da TV. O Real Papel da Telenovela no Brasil.** Universidade Metodista de São Paulo, Brasil. 2008.em:
www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Telenovela/ponencias/GT22_3DIANA.pdf

HAMBURGER, Esther. **Diluindo Fronteiras: televisão e as novelas no cotidiano.** In: **A vida privada no Brasil 4.** org. Lilia Moritz. São Paulo. Cia das Letras: 1998.

HAMBURGER, Esther. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano.** In: *História da Vida Privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.04.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma Nova Narrativa Educacional.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

JACONI, Sônia Maria Ribeiro; MÜLLER, Karin. **As telenovelas da Rede Globo de televisão: 45 anos de trajetória.** Disponível em:

http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Trabalhos/74-As%20telenovelas%20da%20Rede%20Globo_S%C3%B4niaJaconi_KarinMuller.pdf

KEHL, Maria Rita. Muito além do espetáculo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LITTO, Fredric Michael. **Entrevista**. 25 de março de 2005. Disponível em: <<http://www.aomestre.com.br/ent/ent.htm>>. Acesso em: 02 de novembro de 2008.

MASETTO, Marcos T. “Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia”. In: MORAN, José M., BEHRENS, Marilda A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MENDES, Maria Cândida. **A Tecnologia Educacional e os Meios Audiovisuais**. Cruz Alta: Gráfica Universitária Cruz Alta Ltda. 1984.

MENEGAZ, Camila Vital. **Dez anos de Malhação: e como fica a adolescência**. UFRGS, RS, 2006. 181p. Dissertação de Mestrado

MENEZES, Luís Carlos de. **Entrevista**. Janeiro de 2003. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/159_fev03/html/falamestre> Acesso em: 28 setembro de 2010.

MORAN, José Manuel. “**Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemática**”. In: BEHRENS, Marilda A.; MASETTO, Marcos T. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____, **Mudanças na Comunicação Pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____, **Desafios Na Comunicação Pessoal: Gerenciamento Integrado Da Comunicação Pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

OLIVEIRA, Agenor Virgínio. **Construção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem Baseados na Internet – Utilizando Recursos Gratuitos**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Simões; RAMOS, José Mario Ortiz. **Telenovela. História e produção**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

RAMAL, Andréa Cecília. **Internet e Educação**. 2001. Disponível em: <http://www.instructionaldesign.com.br>. Publicado na Revista Guia Internet.Br, Ediouro, n.º4, 1996b.

REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão. Correlações**. São Paulo: Ateliê, 2006.

_____, Sandra (org.). **Televisão na América Latina – 7 Estudos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

VALENTE, J. A. (coord.). **Pedagogia de Projetos. Núcleo de Informática Aplicada à Educação-NIED/UNICAMP**. Campinas, 1999.

VIZZOTTO, Daniel. **Ensino E Aprendizagem Da Matemática, Metodologias E Recursos Tecnológicos: Novas Perspectivas**. UNIVERSIDAD DEL NORTE – UNINORTE. 179p. Assunção, Paraguai, 2007. Dissertação de Mestrado.

Sites visitados:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm> - visitado em 13. 11.10

http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm - visitado em 13. 11.10

<http://www.redemulher.org.br/Vera02.htm> - visitado em 13. 11.10

<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/20/ticsnamidia.htm> - visitado em 13. 11.10

<http://www.unesco.org/pt/brasil/communication-and-information/ict-in-education-in-brazil/> - visitado em 21. 11.10

<http://malhacao.globo.com/platb/malhacao/category/o-que-rolou/> - desde set./10

http://www.timaster.com.br/revista/artigos/main_artigo.asp?codigo=427

<http://www.tudosobretv.com.br> - visitado em 13. 11.10

<http://www.sofisica.com.br/conteudos/HistoriaDaFisica/surgimentodatelevisao.php> - visitado em 18.10.10

<http://www.notapositiva.com> - visitado em 13. 11.10

http://www.timaster.com.br/revista/artigos/main_artigo.asp?codigo=427 - visitado em 13. 11.10

<http://redetupitv.blogspot.com/> - visitado em 07.10.10

<http://www.parana-online.com.br/editoria/pais/news/96170/> em 05.12.10